

Graciliano Ramos e Walter Benjamin: memória e esquecimento.

Thiago Tavares Reis¹

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém esse comentário ainda é difuso, e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar o trabalho de Penélope do Esquecimento?

Walter Benjamin, A imagem de Proust

Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*

RESUMO Nesta pesquisa pretendemos refletir sobre os significados da memória e do esquecimento dentro das narrativas de Graciliano Ramos. Além disso, o objetivo deste artigo é interpretar Graciliano Ramos, especificamente *Memórias do Cárcere* e *Infância* – à luz do método de Benjamin.

PALAVRAS CHAVE: Graciliano Ramos; Walter Benjamin; Teoria da Literatura; memória e esquecimento.

ABSTRACT: Graciliano Ramos; Walter Benjamin; Theory of Literature; memory and oblivion.

KEYWORDS In this research we have intend to reflect about the meanings of memory and oblivion insides of the Ramos's narratives. Moreover, the aim of this research is to interpret Graciliano Ramos, specifically *Jail Memoirs* and *Childhood* - in the light of Benjamin's method.

¹ Discente 8º período – Departamento de Ciências Sociais (UFU). Rua: Viena, 537. Bairro Tibery – Uberlândia MG. CEP 38400-086. E-mail: thiagotavaresr@yahoo.com.br. O presente trabalho teve orientação da Profª Drª Joana Luíza Muylaert Araújo, do Instituto de Letras e Linguística (UFU). Agradeço à FAPEMIG pela concessão da bolsa de iniciação científica e a minha orientadora, pela acolhida prestimosa.

I. INTRODUÇÃO

No início de 2008, tivemos nosso plano de trabalho, “Experiência e Pobreza nas Memórias de Graciliano Ramos”, contemplado com uma bolsa de iniciação científica FAPEMIG. O mencionado plano esteve vinculado ao projeto da Prof^a Dr^a Joana Luíza Muylaert de Araújo, intitulado “Da impropriedade da literatura brasileira e de suas histórias: os modernistas e seus precursores”. Neste último há o esforço de se vislumbrar nas cartas, diários e memórias de autores modernistas, *outras possibilidades de escritas da história literária brasileira*.

O mote seria, pois, o de escarafunchar anotações à margem, não tão benquistas – até o momento – pelos holofotes da crítica especializada; perscrutando nas escritas que ora são tratadas com vilipêndio, páginas nas quais avultam ricas possibilidades.

Cientes destas observações, fomos às confissões do nosso escritor alagoano – em especial, *Memórias do Cárcere e Infância* -, concatenadas por um ardil que desmonta a ingênua noção do *discurso autobiográfico* enquanto uma *grafia de*

si, imaculada e congruente, sobre as desventuras e acertos de um indivíduo. Ademais, para além de surrupiar tal noção, as confissões levam-nos, amiúde, à ficção. Portanto, enxergar na *escrita de si* uma reprodução fidedigna – e linear – da vida daquele que escreve seria, para Ramos, uma pilhéria. Enquanto alguns se jactavam de usar a primeira pessoa, Ramos tinha ojeriza ao “pronomzinho irritante”. Testemunhar sobre *a condição humana* urgia mais do que trazer à tona veleidades individuais. Portanto, tanto em *Infância* quanto em *Memórias do Cárcere*, pulsou mais uma *memória coletiva* do que reminiscências individuais.

Assim, mais judicioso ver no escritor uma “ficção autobiográfica”. Se o passado esmorece, apraz ao *romancista-memorialista* revivê-lo, embora saiba que não raro o que findou jamais voltará. A memória é central na narrativa de Ramos. No posfácio do professor *Wander Melo Miranda*, presente na edição de *Memórias do Cárcere*, em volume único, tivemos uma pista:

A recriação da memória não se prende, pois, a métodos apriorísticos de investigação, dependentes da experiência vivida e que visem satisfazer expectativas previsíveis de configuração textual. Recordar

é, para Graciliano, esquecer-se como sujeito-objeto da lembrança, esgueirar-se para os cantos, colocar-se à margem do texto – ser escrito por ele, ao invés de escrevê-lo -, para que a linguagem, em processo intermitente de produção, possa cumprir seu papel efetivo de instrumento socializador da memória. (apud RAMOS, 2008, p.686).²

Na memória como antídoto contra o esquecimento atroz, o escritor alagoano fez o seu ofício. Neste sentido, tal como antevíamos no nosso plano de trabalho – sintomático desta antevisão é o próprio título, inspirado no pequeno texto do filósofo alemão *Walter Benjamin*³-, o escritor brasileiro

² MIRANDA, Wander Melo, Posfácio Em: RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: 2008, p.686.

³ Tal como Graciliano, Benjamin não se sentia confortável ao lidar com o “discurso autobiográfico”. *Infância em Berlim por volta de 1900*, noutro artigo, foi comparada, por nós, com a *Infância* de Graciliano.

“A Mão, esse Don Juan juvenil, em pouco tempo, invadira todos os cantos e recantos, deixando atrás de si camadas e porções escorrendo a virgindade que, sem protestos, de renovava” (BENJAMIN, 2000, p. 89). *Infância em Berlim por volta de 1900* adquire sua virtuosidade no exercício filosófico de Benjamin de captar o peso da sensibilidade de uma época na leveza dos mistérios de sua meninice. A cidade cindida é confrontada com os brinquedos, o aspecto cinzento da urbe berlinense entra em colisão com as tonalidades vibrantes das fábulas pueris e a memória é evocada não como uma musa a serviço da remontagem fidedigna daquilo que está morto, mas sim como uma aliada da inventividade do crítico. Benjamin - a sombra de Nietzsche – dinamitou, pois, a noção da “escrita de si”, jogando para os ares a pretensa castidade – que esconde veleidades demoníacas de exhibições dissimuladas e projeções narcísicas – da *autobiografia*.

poderia ser lido à luz da sensibilidade benjaminiana.

Walter Benjamin apegou-se ao que a cultura traz de, aparentemente, fossilizado, anacrônico e encarquilhado – não é por acaso que ele quis salvar o drama barroco alemão (do século XVII) para o início do século XX. Emaranhou-se pelos meandros da memória e do esquecimento, lendo e traduzindo Proust⁴. Extasiou-se pelos contos de fadas, colecionou, apaixonadamente, brinquedos antigos – a aquisição de antigüidades tinha em vista a idéia de rejuvenescê-las. Perscrutou a sua infância em Berlim na aurora do século XX, no intuito, de buscar significados no jazigo do esquecido. Além de tudo isso, encantou-se por Baudelaire, numa mistura de *lamentação e regozijo* com a queda da auréola do poeta na lama. E em Kafka, vislumbrou uma “doença da tradição”, cuja narração ancorava-se, justamente, na dificuldade do narrar.

No seu pequeno e emblemático texto *Experiência e*

⁴ Benjamin nutria verdadeira admiração pela obra de Proust. O que o encantava era a grandeza das lembranças proustianas ao mostrar as linhas tênues entre o passado e o presente. Portanto, a grandeza não vinha do “conteúdo” daquelas lembranças – *a vida burguesa não é tão interessante, funda-se mais na tagarelice do que no frescor* – mas de sua “forma”. Não é por acaso que Benjamin – também tradutor do autor francês – renunciou à leitura de Proust, pois, temia que ela se tornasse um sedativo, tolhendo a sua própria produção filosófica.

Pobreza (1993), o filósofo registra-nos que as ações da experiência estavam em declínio numa geração que, entre 1914 e 1918, viveu a truculência da Primeira Guerra Mundial. O “frágil e minúsculo corpo humano” se viu no campo minado da experiência das trincheiras, no corpo maltrapilho torturado pela fome, nas esperanças frustradas em face da frialdade da inflação econômica e no pessimismo diante do cinismo dos governantes. Destas experiências indeléveis, o frágil corpo humano ficou privado das experiências comunicáveis, os homens que retornavam do *front* viam no silêncio o virtuosismo – porquanto a sofreguidão interna era tão profunda que o comunicar-se era inútil.

Longe se iam, por conseguinte, os tempos nos quais os loquazes provérbios ensinavam-nos valores duradouros. Nos tempos sombrios que marcaram o início do século XX, um velho moribundo – outrora ancião sábio – não ousaria comunicar aos jovens alguma experiência. O desenvolvimento da técnica, somado com a experiência sórdida da guerra, emudecera os homens.

Todavia, o pensamento de Benjamin, geralmente, aferra-se às ambivalências, isto é, o declínio das experiências comunicáveis trouxe um

conceito novo e positivo da barbárie, na qual a honradez está na confissão de que estamos pobres, porém precisamos nos arriscar. A pobreza da experiência compele o *bárbaro* a ir adiante, a contentar-se com pouco. Na desilusão e na fidelidade do bárbaro ao século que se inicia, Benjamin percebe certas manifestações artísticas nas quais a *linguagem está a serviço da transformação da realidade e não de sua mera descrição*.

Como se percebe, o filósofo tem uma sensibilidade acurada ao conseguir ver beleza naquilo que se esvai – captando potencialidades nas ruínas históricas. Noutros ensaios, a despeito das nuances entre eles, Benjamin persiste na sua faina de colocar a nu as contradições de certos fenômenos estéticos – da extinção de maneiras tradicionais de narrar -, os quais carregam consigo *outras tendências*. Tanto no seu ensaio sobre *A crise no romance (1930)* quanto em *O narrador (1936)*, o filósofo sente-se “extasiado” (e nostálgico, embora de uma maneira bem peculiar) em face da corrosão da narrativa tradicional. Noutro momento, trabalharemos, com mais vagar, estes textos.

De Walter Benjamin, absorvemos a percepção *da força salvadora da memória*. O implacável

trajeto da morte não consegue a tudo ceifar, pois, os píncaros da memória são, de certa forma, inalcançáveis. Graciliano Ramos sabia disso, não é à toa que buscou testemunhar a verdade humana, gravada nele desde menino. *O testemunho fia-se na memória, esculpido na pedra dura da realidade exterior.* Cômicos destas considerações, envolvemo-nos com um Graciliano Ramos que, não obstante declare não conservar notas, elege a confissão como missão de sua arte.

II. FORTUNA CRÍTICA E MÉTODO

A vida é um emaranhado de encontros e desencontros, e não raro os desencontros trazem-nos belas surpresas. No começo da minha graduação – Ciências Sociais (UFU) – encantei-me com o frescor espiritual de certo professor que iniciou o nosso curso com o magistral estudo de Marshall Berman, *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar.*

Naquele livro houve o meu primeiro encontro; o turbilhão da modernidade era vislumbrado nas páginas de vultos artísticos dos mais sensíveis, *Fausto* de Goethe, *Flores do Mal* de Baudelaire, *Memórias do*

Subsolo de Dostoiévski, ao lado de figuras tais como Nietzsche, Weber, Marx e Marcuse. A maneira mais intempestiva de se começar um curso de Ciências Sociais foi colocada à disposição. Restou-me o deleite destes primeiros anos de graduação, pois, sensoriais viriam com o tempo, desde uma moribunda licenciatura até casmurros professores.

Passado o êxtase inicial, argüi o mencionado professor acerca da possibilidade de juntos, trabalharmos possíveis interfaces entre as Ciências Sociais e a Literatura. A acolhida foi à altura dos meus anseios – tanto é que a parceria alçou vôos maiores, como o trabalho de conclusão do curso – embora se tenha revelado parcial, tendo em vista as “necessárias” aspirações acadêmicas. O encontro tornou-se desencontro.

Entretanto, um novo encontro estava à espreita. O meu Professor acabou por me apresentar a uma Professora de Literatura. A acolhida foi generosa e prestimosa – acionando o *aguilhão da crítica* quando necessário. A Professora logo notou que meu espírito assistemático precisava de algumas lapidações. Até porque, nem todo apaixonado por Literatura, está credenciado a fazer “crítica literária” – mesmo que às vezes a sensibilidade do

amador seja mais fina do que a do profissional. Daí uma nova parceria se instalou na minha formação acadêmica, e a Professora tornou-se minha orientadora, com todo o peso e leveza que esta transformação implica.

Doravante, a Orientadora montou um grupo de estudos com os seus orientandos e interessados, cujas temáticas fossem congruentes com as linhas de pesquisa adotadas. Neste grupo de estudo, tentei contornar minhas lacunas na teoria literária. Isto é, estas digressões iniciais não são fortuitas, se aqui estão, é por algum motivo. A fortuna crítica e a metodologia adotada têm estreita relação com aqueles encontros.

De *propedêutica*, tivemos os romances e os “relatos autobiográficos” de Graciliano Ramos. Começamos com *Caetés*, seu livro de estréia – por ironia, narrado em primeira pessoa – no qual a brevidade e a condensação traçam o perfil literário do autor. As leituras vindouras se confundem - traçar, neste momento, um esboço linear das nossas leituras é-nos impossível -, no entanto, sabemos que começamos com *Caetés* e terminamos com *Memórias do Cárcere*.

Quando a leitura de *Angústia* tornava-se asfixiante, íamos para a truculência digna de um *Paulo*

Honório, de *São Bernardo*. Às vezes queríamos uma leitura mais sutil, então apelávamos para *Vidas Secas*. Ora ou outra, a leitura “sistemática”, isto é, com vistas a pesquisar, a estudar uma obra até a sua *aparente* exaustão, torna-se enfadonha. Nestes momentos, refrescávamos no humor sutil e áspero de Graciliano Ramos, presente nas suas glosas para jornais, reunidas nas *Linhas Tortas*. A título de curiosidade, líamos, igualmente, *Viagem*, no intuito, de verificarmos as impressões de Graciliano Ramos acerca da antiga URSS e da extinta Tcheco-eslováquia.

O arrebatamento final veio com a leitura de *Infância e Memórias do Cárcere*. *Infância*, “relato autobiográfico” publicado em 1945, caracteriza-se pelo clima pavoroso da infância do menino alagoano miúdo. Numa prosa cortante, avessa às pieguices e amenidades, os primeiros anos vividos no interior de Alagoas e Pernambuco vêm à baila junto com a seca e a truculência dos coronéis. A psicologia do pai é vislumbrada nos seus ecos kafkianos, enquanto um crivo que a tudo abarca e submete. A experiência advinda dos tempos pueris é a de que “foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor”. Nas *Memórias do Cárcere*, outra situação kafkiana salta aos olhos, Graciliano é

preso sem motivos, tampouco esclarecimentos. Naquelas memórias avulta um dos melhores testemunhos da literatura brasileira, no qual a promiscuidade do encarceramento é vislumbrada sem arroubos líricos.

A *propedêutica* findou-se com as leituras que, na época, tínhamos de Walter Benjamin. Neste momento, a admiração ainda não tinha tanto rigor. Enfim, éramos ordinários no quesito teórico. Ao lidarmos com formas estéticas, víamos apenas epifenômenos do social, reproduzindo uma “sociologia da literatura” trôpega. E por fim, ao lermos Benjamin acabávamos por tachá-lo única e simplesmente de teórico do “desencantamento do mundo”⁵ – desconsiderando toda a sua filosofia da história.

Com vistas a incrementar a nossa rasa formação em teoria literária, passamos a ler *Luiz Costa Lima* – sobretudo *Teoria da Literatura em suas fontes*, organizado por ele -, *Antonio Candido*, *Maurice Blanchot*,

⁵ Tão logo percebemos que esta formulação era imprecisa, passamos a encarar o filósofo não tão-somente um teórico do “desencantamento do mundo” – lembremos que a dialética benjaminiana, mesmo que fosse estupefaciente para o rígido Adorno, evocava, igualmente, por (re) **encantamentos** -, este refinamento devemos-lo a *Jeanne Marie Gagnebin*. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007

Borges, *Paul de Man*, *Derrida* e *Nietzsche*. Visando aperfeiçoar a leitura de Benjamin, passamos a dialogar com duas filólogas e um crítico literário, respectivamente: *Jeanne Marie Gagnebin*, *Olgária Matos* e *Willi Bolle*.

Ao lidar com Graciliano Ramos, listamos um rol de autores fundamentais: *Antonio Candido* – no seu clássico *Ficção e Confissão* -, *Wander Melo Miranda* (UFMG), *Rui Mourão*, *Cláudio Leitão*, *Alfredo Bosi* e *Otto Maria Carpeaux*. Desenvolveremos, com mais precisão, estes autores – direta e indiretamente – noutro momento.

Walter Benjamin percebeu em Kafka, uma “doença da tradição”, visto que se a obra de Kafka corrobora o fim de uma tradição, por outro lado, ela não afirma a necessidade de reencontrar qualquer baluarte. Em tons próximos, Graciliano Ramos não esteve afeito ao conselho - a dimensão utilitária da sabedoria épica na visão de Benjamin -, no entanto, elegeu como ponto de partida da sua experiência literária o dizer sem ornamentos, *pois, só é possível narrar o que é visto e sentido, mesmo que seja sobre a dificuldade do narrar*. O mestre Graça não nos ofereceu panacéias – não estamos diante de um escritor repleto de empáfia, cioso de se tornar um mártir -,

mas sim um rico testemunho acerca da condição humana.

A missão do escritor alagoano foi a de nos contar alguma coisa, mesmo que, em tempos sombrios, não haja (quase) nada a contar – deduzimos este aparente paradoxo ao incorporamos no trabalho a *metodologia benjaminiana*. Método do grego *methodos*, de *meta* e *odos*, caminho. Isto é, método é o caminho que se escolhe para alcançar certo fim. Fica patente, pois, que o caminho que escolhemos foi o de Walter Benjamin, no fito, de vislumbramos o vigor da memória em Graciliano.

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

III. I Walter Benjamin: a insustentável leveza da memória.

Não se trata de apresentar as obras literárias no contexto de seu tempo, mas de apresentar, no tempo em que elas nasceram, o tempo que as revela e conhece: o nosso.
Walter Benjamin, 1931.

Walter Benjamin num projeto inacabado, *Das Passagens-Werk*⁶, reuniu uma “história material” do

século XIX por meio de aforismos, inúmeras citações, anúncios de jornais e de meretrizes, na qual as passagens parisienses, o “mundo em miniatura” – refúgio de lojas resplandecentes nas quais o fetiche da mercadoria vicejava e seduzia os passantes – revelariam o “cristal do acontecimento total” da modernidade. A memória das passagens é atualizada, em pleno século XX, no intuito, de despertar a humanidade de certos sonhos embotados.

No final de sua vida, ainda teve fôlego para confeccionar suas famosas teses *Sobre o conceito de história*, teses nas quais a fé obtusa no progresso – tão presente na social-democracia alemã – é dilacerada e que a alegoria do anjo que sobrevoa as ruínas da história é evocada. Benjamin no contato sensível com os “objetos”

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG e Imprensa Oficial, 2006. O crítico literário brasileiro (BOLLE, 2000, p.49) dá-nos um testemunho útil: “O texto de Benjamin publicado em 1982 com o título *Das Passagen-Werk* (A Obra das Passagens) coloca o leitor diante de sérias dificuldades para se orientar nesse projeto – vasto, labiríntico, difícil, fragmentário e inacabado – no qual o autor trabalhou de 1927 até 1940, ano de sua morte”. Ver: BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 49. Mas não lamentemos o caráter fragmentário da obra, tampouco a arte combinatória de Benjamin, cujas veredas nos convidam para um mosaico de citações iluminado pela sensibilidade ímpar do crítico alemão, visto que o caráter inacabado da obra faz com que ela se torne arejada, “obra aberta” a ser continuada por nós, leitores.

⁶ Utilizamos da magnífica edição brasileira desta obra preparada aos cuidados de dois dos maiores especialistas em Walter Benjamin no Brasil, Willi Bolle e Olgária Matos.

sentia-se extasiado em face das transformações modernas. Tocado pela brisa da modernidade, o crítico sentia-se comovido pelas ruínas históricas. A empresa crítica converge, assim, para a questão da memória e do esquecimento, na luta para reativar esperanças frustradas de outrora. Aquilo que sabemos que não teremos diante de nós, se torna imagem e, Benjamin dá-nos uma alegoria estonteante acerca da fugacidade das coisas humanas: *a de que embora possamos sonhar que no passado aprendemos a andar e de que reconhecamos que o saibamos, nunca mais voltaremos a aprendê-lo.*

Todavia, não nos arvoremos em interpretações ora nostálgicas ora ditirâmicas do pensamento benjaminiano. Reconheçamos que o filósofo mais formula problemas do que os resolve. Tal como em Graciliano Ramos, não há em Benjamin verdades fáceis, panacéias e idéias peremptórias.

No ensaio *O Narrador* (1936) Benjamin dá-nos ótimas pistas. Se o manancial da epopéia era a tradição oral, o do romance seria a solidão dos indivíduos, na sua existência individual incomensurável. A narrativa tem um senso prático, cujo esforço é o de aconselhar. Enquanto o romancista não quer aconselhar

ninguém, ele demanda por leitores desorientados, e não quer lhes inspirar valores duradouros. A extinção da narração está envolvida com a emergência da forma romanesca e da informação jornalística. Inicialmente, o romance difere da narrativa pelo seu próprio meio, o livro impresso – impossível pensá-lo antes da existência histórica da imprensa. Portanto, se na narrativa épica o relato era extraído da própria experiência do narrador, com vistas a intercambiar valores com os seus *ouvintes*, no romance a tradição oral não é alimentada, apraz ao romancista escrever para *leitores* cujas vidas gélidas precisam ser aquecidas.

A informação jornalística – que joga a derradeira pá de cal na narrativa e deixa em prantos o próprio romance – aspira a uma verificação direta, compreensível “em si e para si”. Enquanto os relatos de antanho apelavam para aspectos miraculosos, a informação moderna apelaria para a plausibilidade exata, mensurada, na qual toda a riqueza da vida é reduzida a dados. Ou seja, conforme o próprio Benjamin, recebemos notícias de todos os cantos do mundo, no entanto, somos carentes de histórias que nos tirem o fôlego.

No entanto, o fracasso da arte de contar – ligada a uma

experiência espontânea oriunda de uma organização social comunitária baseada no artesanato – precisa ser acompanhado de novas formas de narratividade. O leitor do romance procura nos livros o que não mais encontra na sociedade moderna: um sentido explícito e reconhecido. O romance clássico, na direção de aquecer a vida gélida de seus leitores à deriva, visa à conclusão. Porém, aqui Benjamin envereda-se pelas ambivalências, pois, nalguns romances contemporâneos o não-acabamento e a “obra aberta” são características marcantes. Basta lembramos, tal como lembra Benjamin, Proust e Kafka. Mencionemos que *Memórias do Cárcere* seguiu o mesmo caminho.

Para Benjamin enquanto Proust personificava a força salvadora da memória, Kafka fazia-nos entrar no domínio do esquecimento⁷. Este último domínio reverbera nos escritos kafkianos, à medida que a perda da experiência de intercambiar experiências – e o desaparecimento de

um sentido primordial, portanto – é colocada no primeiro plano. Não há, pois, o que se transmitir a não ser a própria dificuldade extenuante de lidar com o mundo – as parábolas de Kafka são sintomáticas desta dificuldade.

Platão tinha um alto conceito do poder estupefaciente da poesia – a mimesis⁸ tinha uma força de arrebatamento a qual toda a sua filosofia procurou resistir – não é à toa que ela a julgava prejudicial na comunidade perfeita dos filósofos governantes. Para Benjamin a poesia e a literatura exprimem o que de outra forma não poderia ser dito. Elas nos arrebatam como testemunhos históricos da nossa condição.

Entretanto, se na comunidade perfeita de Platão, a poesia estaria banida por devassar o corpo, no mundo moderno de Benjamin, ela entraria em crise pela *dificuldade de se pronunciar sobre alguma coisa*. Há uma parábola de Kafka sintomática desta crise, vejamo-la:

⁷ A decifração deste domínio em Kafka é a decifração de um mundo desfigurado pela injustiça e pelo tormento, que se quer esquecido: “Em Kafka, Odradek é o mais estranho bastardo gerado pelo mundo pré-histórico com seu acasalamento com a culpa. [...] Odradek é o aspecto assumido pelas coisas em estado de esquecimento. Elas são deformadas” (BENJAMIN, 1996, p. 158).

⁸ Há um belo texto da filósofa Jeanne Marie Gagnebin acerca do conceito de mimesis em Benjamin e Adorno – no qual ela antes de diferenciar o conceito em ambos os autores, traça um breve resgate da depreciação do conceito por Platão e de sua respectiva reabilitação por Aristóteles. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro, Imago, 2005.

O imperador – assim dizem – enviou a ti, súdito solitário e lastimável, sombra ínfima ante o sol imperial, refugiada na mais remota distância, justamente a ti o imperador enviou, do leito da morte, uma mensagem. Fez ajoelhar-se o mensageiro ao pé da cama e sussurrou-lhe a mensagem no ouvido; tão importante lhe parecia, que mandou repeti-la em seu próprio ouvido. Assentindo com a cabeça, confirmou a exatidão das palavras. E diante da turba reunida para assistir à sua morte – haviam derrubado todas as paredes impeditivas, e na escadaria em curva ampla e elevada, dispostos em círculo, estavam os grandes do império – diante de todos, despachou o mensageiro. De pronto, este se pôs em marcha, homem vigoroso, incansável. Estendendo ora um braço, ora outro, abre passagem em meio à multidão; quando encontra obstáculo, aponta no peito a insígnia do sol; avança facilmente como ninguém. Mas a multidão é enorme; suas moradas não têm fim. Fosse livre o terreno, como voaria, breve ouvirias na porta o golpe magnífico de seu punho. Mas, ao contrário, esforça-se inutilmente; comprime-se nos aposentos do palácio central; jamais conseguirá atravessá-los; e se conseguisse, de nada valeria, precisaria empenhar-se em descer as escadas; e se as vencesse, de nada valeria, teria que percorrer os pátios, e depois dos pátios, o segundo palácio circundante; e novamente escada e pátios; e mais outros palácios; e assim por milênios; e quando finalmente escapasse pelo último portão – mas isto nunca, nunca poderia acontecer – chegaria apenas à capital, o

centro do mundo, onde se acumulava a prodigiosa escória. Ninguém consegue passar por aí, muito menos com a mensagem de um morto. Mas, sentado à janela, tu a imaginas, enquanto a noite cai ⁹ (apud BENJAMIN, 1996, p.19).

Portanto, diante de um mundo lamacento, no qual a palavra tem pouco valor, nada mais catalisador do que a memória, na sua insustentável leveza. Tal leveza inspirou o nosso escritor alagoano a observar que a retomada das cenas do passado só é possível a partir do momento em que se reconhece que o passado, *tal como ele foi*, está perdido para sempre. Tornar a vivê-lo é mergulhar na sofreguidão, pois, o que foi não voltará mais. Porém, ao que poderia ter sido e não o foi, ainda resta uma chance – as linhas tênues entre o presente e o passado se tornam risíveis. Em *Infância e Memórias do Cárcere*, o passado é formado por nuvens, espectros, rastilhos imprecisos e impressões esmaecidas que só voltaram a viver com a imaginação

⁹ Esta parábola volta duas vezes na obra de Kafka, como conto independente (Uma história imperial) e dentro do conto maior “Durante a Construção da Muralha da China”. Benjamin capta em Kafka que não há mais nenhuma mensagem para se transmitir, exceto a de que não existe mais uma totalidade de sentidos. É destas ruínas que nascerão novas sensibilidades, outras narrativas e uma nova escritura da história. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política* (V. I). São Paulo: Brasiliense, 1996, p.19.

do ficcionista. Como corolário, a leveza da memória – diante do peso do esquecimento – acaba por dinamitar a “ilusão autobiográfica”. Porquanto há no memorialista um quê de ficcionista – insuspeito àqueles que acreditam, credulamente, na *veracidade* das autobiografias.

III. II Graciliano Ramos: o peso do testemunho.

A primeira sensação do leitor de *Infância* de Graciliano Ramos é a vertigem. Há nesta “ficção autobiográfica”¹⁰ lugares imprecisos, pontos nebulosos, estremecimentos da memória em face de fragmentos de pessoas e de coisas que, juntos, configuram-se no pequeno *mundo incongruente* criado pelo ficcionista-memorialista. O enleio de fragmentos sugeridos pela memória é a matéria-prima do relato, matéria esta somada com o hábito do ficcionista de criar ambientes, coisas e pessoas que ultrapassam os limites da suposta veracidade. Graciliano acentua que suas memórias não são cabais – aliás,

nenhum mortal, em sã consciência, pode se gabar da perfeição de suas lembranças -, e por conta desta imprecisão, ele precisa recorrer a um mundo que é incongruente. Diante das nuvens das lembranças, surge a letra de fôrma do ficcionista, por conseguinte.

A memória ordinária do memorialista eleva-se por meio da criação do ficcionista, visto que existem coisas que só existem por *derivação e associação*. Graciliano desfaz a “ilusão autobiográfica”, pois, *seleciona e filtra as lembranças a partir de um eu inquiridor*. Quão pesadas seriam as páginas de *Infância*, caso o escritor ratificasse a possibilidade de relatar, de maneira fiel e imaculada, a sua própria infância.

Existe em Graciliano um grito abafado que oscila entre as cicatrizes da memória e o inventário do ficcionista¹¹. *O ficcionista evade-se de um mundo que abomina a partir de seu registro*. Há uma busca incessante pelo testemunho da verdade, seja qual for esta verdade.

¹⁰ Ver: LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto: memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói: EdUFF, São João Del Rei: UFSJ, 2003. MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte, UFMG, 1992.

¹¹ O oscilar entre a ficção e a confissão foi um desdobramento necessário na arte de Graciliano Ramos. Para maiores detalhes, consultar: CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

A atmosfera acre que paira nas páginas dos testemunhos de Graciliano não está orientada, única e simplesmente, por um pessimismo mórbido. Na verdade, o que importa é o testemunho da condição humana, nas suas veleidades e mediocridades. A escrita está atrelada com o intenso desejo de testemunhar – de salvaguardar a memória do esquecimento.

As palavras não são adornos, não nasceram para o decoro, mas para dizer, sem floreios. Não é por acaso que Graciliano nutria uma louca obsessão ¹²pela escolha de suas palavras – o seu processo de criação notabilizou-se pela lentidão. Ramos resguardou à sua escrita o traço da “perfeição”, pois, à maneira das lavadeiras de Alagoas, a couraça suja das palavras era lavada até a limpidez total.

Todavia, não estamos diante de um Flaubert, visto que a fixação estilística não segue os mesmos parâmetros, no caso do escritor brasileiro tudo é pensado tendo em vista

¹² Em *Memórias do Cárcere* freqüentes são as passagens nas quais o romance *Angústia* é denegrido, vilipendiado. Para Graciliano, *Angústia* estava mal escrito, gorduroso e medíocre. Numa carta a Antonio Candido, Ramos alegou: “*Angústia* é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura enfim” (apud CANDIDO, 2006, p. 10-11).

a intensidade do testemunho. Em Infância há uma passagem sintomática da paixão firme que Ramos devotava ao testemunho:

Meu avô nunca aprendera nenhum ofício. Conhecia, porém, diversos, e a carência de mestre não lhe trouxe desvantagem. Suou na composição de urupemas. Se resolvesse desmanchar uma, estudaria facilmente a fibra, o aro, o tecido. Julgava isto um plágio. Trabalhador caprichoso e honesto procurou os seus caminhos e executou urupemas fortes, seguras. Provavelmente não gostavam delas: prefeririam vê-las tradicionais e corriqueiras, enfeitadas e frágeis. O autor, insensível à crítica, perseverou nas urupemas rijas e sóbrias, não porque as estimasse, mas porque eram o meio de expressão que lhe parecia mais razoável. (Ramos, 1999, p.19).

¹³

O escritor cria os seus precursores, o menino, recriado pelo adulto, elege o avô e sua arte atenta às rijas fibras das urupemas como modelo para o ofício do ficcionista-memorialista apegado com as palavras sinceras. As palavras – rijas como as urupemas – devem estar esculpidas na experiência humana. Divagar, sem nenhum propósito digno, era para o alagoano um descalabro.

¹³ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.19).

Memórias do Cárcere

tem um caráter experimental belíssimo, a sintaxe oprime tal como a lei, no entanto, ainda há estreitos limites nos quais o escritor pode se mexer. Mas o que salta aos olhos é o tipo de reminiscência que ali se desdobra. Acerca deste desdobramento, Wander Melo Miranda registra-nos que:

A possibilidade da reminiscência descortina-se onde a história triunfante dos “homens gordos do primado espiritual” procede ao cancelamento do que ficou para trás, ou seja, no detalhe, no pequeno, no insignificante, a partir deles e com eles. Se a perspectiva da morte, de fim de caminho, autoriza o autor a levar adiante suas memórias, é o desejo de fazer viver o que estaria morto para sempre, mas que ainda persiste na sua demanda, o elemento deflagrador do processo da escrita. Reviver o passado, sim, porém enterrar de vez o que mantém o memorialista encarcerado e o impede de tomar posse efetiva do presente. (apud RAMOS, 2008, p.685).¹⁴

Graciliano esgueira-se nos cantos obscuros, pouco importa as suas mediocridades de pequeno-burguês, porquanto o que está em realce é a condição de pária social, do literato

vivendo como rato, encarcerado, diminuído, mas em contato direto com outros párias. Reviver estes momentos por meio das suas memórias, mas não revivê-los como, deveras, foram. O corpo esteve encarcerado, mas o espírito não. *Fazer viver o que estaria morto para sempre: o elemento deflagrador do processo* da escrita do nosso escritor.

Sensível notar que Graciliano Ramos não visa expor-nos, minuciosamente, a sua condição de encarcerado. As sensações do corpo judiado são colocadas ao lado dos contornos promíscuos da prisão. O escritor se encarava como muito reles para se tornar um mártir. Terminemos com o próprio Ramos, numas das partes mais sublimes de suas memórias:

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas,

¹⁴ MIRANDA, Wander Melo, Posfácio Em: RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: 2008 p.685.

gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. (RAMOS, 2008, p.14).¹⁵

V. Considerações Finais

Walter Benjamin mostrou-nos a força da memória diante das ruínas históricas. A tempestade do progresso – para lembrarmos a famosa alegoria do anjo – faz com que o anjo da história vá adiante, melancólico ante os detritos que se avultam abaixo dos seus olhos, mas confiante quanto ao futuro. No entanto, ora ou outra, o anjo precisa acordar os mortos de outrora. Trazer à tona o passado é vivê-lo no presente, cientes de que o que foi não voltará mais, embora as esperanças soterradas de antanho possam vir à luz no agora.

Graciliano Ramos fiou-se no testemunho como premissa de sua arte. As angústias do presente seriam aliviadas – não é-nos possível falar em cura para Ramos – pelos desejos não ouvidos do passado. Mas, como em Benjamin, nada voltaria como, de fato, foi. O passado retorna na forma de “nevoeiros imprecisos”, iluminados

pelo presente. *A leveza da memória benjaminiana reforçou o peso do testemunho graciliano.* Como desdobramento, os “relatos autobiográficos” tornaram-se, igualmente, ficcionais. Memórias lineares da vida de um indivíduo majestoso soam para Ramos uma torpeza a ser evitada. A soberba não consta no breviário das qualidades do escritor. O que fulgura é o esgueirar-se pelos cantos, haja vista que há algo mais interessante a ser contado. As memórias de Graciliano arvoram-se na experiência do relatar, mesmo que os tempos sejam dos mais pobres para as experiências comunicáveis. É assim que nosso escritor faz suas urupemas artísticas, com vistas a nos ajudar.

¹⁵ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: 2008 p.14.

V. BIBLIOGRAFIA

1. Escritos de Walter Benjamin

1.1 Traduções no Brasil

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras –Edusp, 2002.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG-Imprensa Oficial, 2006.

_____. *Magia e técnica, Arte e Política (Obras escolhidas, V.1)*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Rua de Mão Única (Obras escolhidas, V.2)*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas, V.3)*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Diário de Moscou*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Sociologia*. Org; introd. e trad. Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *A Modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. *Haxixe*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Documentos de Cultura – Documentos de Barbárie. Escritos Escolhidos*. Org. e apres. Willi Bolle, trad. vários autores. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1986.

_____. *Reflexões: A Criança, o Brinquedo, a Educação*. São Paulo: Summus, 1984.

_____. Teses “Sobre o conceito de história”, trad. de Jeanne Marie Gagnebin e Marcus Müller, Em: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: um aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, São Paulo: Boitempo, 2005.

1.2 Outras traduções consultadas

BENJAMIN, Walter. *Les affinités électives de Goethe*. Em _____, *Essais I*. Paris: Gonthier, 1983.

2. Sobre Walter Benjamin

2.1 Livros

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp-Fapesp, 2000.

_____. *Viagem a Moscou. O mito da Revolução*, Em: *Revista USP*, n° 5, 1990, p. 117-34.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro, Campus, 1988.

KOTHE, Flávio R. *Para Ler Benjamin*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

_____. *Benjamin & Adorno: Confrontos*. São Paulo: Ática, 1978.

LÖWY, Michael. *Romantismo e Messianismo. Ensaio sobre Lukács e Benjamin*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1990.

_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Olgária Chain Feres. *Os Arcanos do Inteiramente Outro. A Escola de Frankfurt. A melancolia e a revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

_____. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Ensaio Crítico sobre a Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

ROUANET, Sergio Paulo. *Édipo e o Anjo. Itinerários Freudianos em W.B.* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Ler o livro do mundo, W.B Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo, Iluminuras-Edusp, 2005.

2.2 Números especiais de periódicos

Revista USP(15), 1992 – Dossiê Walter Benjamin.

3. Escritos de Graciliano Ramos

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1936.

_____. *A terra dos meninos pelados*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Histórias de Alexandre*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *Insônia*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008, 1v.

_____. *Viagem*. São Paulo: Martins, 1961.

_____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. *Cartas de amor a Heloísa*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

4. Escritos sobre Graciliano Ramos

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32ª Edição. Editora Cultrix, São Paulo: 1994. 528p. Graciliano Ramos, p. 400-404. Inclui Bibliografia.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaio Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Castelar de. *Ensaio gracilianos*. Rio de Janeiro: Ed.

Rio, Faculdades Integradas Estácio de Sá, 1978.

Edusp; Belo Horizonte, UFMG, 1992.

CARVALHO, Lúcia Helena de Oliveira Vianna. A ponta do novelo: uma interpretação da “mise en abime” em Angústia de Graciliano Ramos. Niterói:UFF,1978. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.

_____. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*. Belo Horizonte: Edições Tendências,1969.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar. . Rio de Janeiro: Ed. Brasília (Coleção Letras).

5. Teoria Literária e Áreas Afins

AHMAD, Aijaz. A retórica da alteridade de Jameson e a "alegoria nacional". In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 22, out. 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis(org). *Graciliano revisitado: coletânea de ensaios*. Natal: Ed. Universitária, UFRN (Humanas Letras).

ARANTES, Otília Beatriz Fiori e ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentido da formação*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. [Tradução de Luís Gonzaga Mendes Chaves e José Gomes Magalhães]. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará,1967.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 5ª ed, São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

LEITÃO, Cláudio Correia. *Origens e fins da memória: Graciliano Ramos, Joaquim Nabuco e Murilo Mendes*. Belo Horizonte,1997. Tese(Doutorado) UFMG.

BORGES, Jorge Luis. O escritor argentino e a tradição. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1998, p.288-296, v.1.

_____. Sobre os clássicos. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, p.167-169, v.2.

LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto: memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói: EdUFF, São João Del Rei: UFSJ, 2003.

_____. Kafka e seus precursores. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, p.96-98, v.2.

MERCADANTE, Paulo. *Graciliano Ramos: o manifesto do trágico*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

BLANCHOT, Maurice. Le journal intime et le récit. In: *Le livre à venir*. Paris: Gallimard, 1959, p. 252-262.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo:

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: ROMERO, Sílvio. *Sílvio*

- Romero. *Teoria, crítica e história literária*. (Seleção e introdução de Antonio Candido). Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1978.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. (2 volumes). 5^a ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.
- _____. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Literatura de dois gumes. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Fora do texto, dentro da vida. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Literatura e vida social. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. O escritor e o público. In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.
- _____. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- _____. Dialética da malandragem. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Ed. Crítica (Cecília de Lara). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CHIAPPINI, Ligia e BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COUTINHO, Afrânio (organização e introdução). *A polêmica Alencar-Nabuco*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1978.
- _____. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- _____. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FREUD, Sigmund. Autobiografia. In: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nova, 1975, v.3, p. 2761-2800.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- _____. *O controle do imaginário. Razão e imaginação no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Concepção de história literária na *Formação*. D'INCAO, Maria Angela & SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. (Vários colaboradores). São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992, p.153-169.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides - Breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MICELLI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

_____. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A poesia envenenada de Dom Casmurro*. In: _____. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

